

# A microanálise na pesquisa em história do turismo<sup>1</sup>

*The microanalysis in the studies of history of tourism*

---

Lucília Siqueira<sup>2</sup>

**RESUMO:** O artigo discute, sobretudo, a questão da escala no estudo dos fenômenos turísticos e uma nova maneira de produzir conhecimento em história do turismo; no uso da microanálise, o pesquisador chega à concretude das experiências de viagem, poden-

<sup>1</sup> Este artigo foi elaborado a partir dos trabalhos feitos pelas então alunas de Turismo da PUC-SP, Fabiana Valdisserra, Nilce Vannucci e Paula Vianna, cujos textos, originalmente, estavam aqui inseridos. No entanto, a grande quantidade de páginas resultantes dessa junção impedia a sua publicação. Fique aqui registrado o agradecimento às estudantes; sem os seus trabalhos, este artigo não teria sido escrito.

<sup>2</sup> Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo. Atuou na docência e junto à coordenação dos Cursos de Turismo e de Administração Hoteleira do Unibero de 1990 a 2000. Atualmente leciona nos cursos de História, de Relações Internacionais e de Turismo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Endereço: Al. Rio Claro, 217 apto. 182, Bela Vista, São Paulo, SP, Brasil. CEP 01332-010. E-mail: lucilia-siqueira@uol.com.br

do captar suas diversidades e suas numerosas temporalidades. Trata-se de uma reflexão a partir dos trabalhos de avaliação realizados pelos estudantes de 3<sup>o</sup> ano de Turismo da PUC-SP para a disciplina “História: Viagens e Viajantes”, ministrada no primeiro semestre de 2003. Esses trabalhos buscavam analisar as experiências de um turista da segunda metade do século XX, em duas viagens distintas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Viagem. História do turismo. Microanálise. Micro-história.

**ABSTRACT:** The core of the article discusses the issue of the proportion on the studies of the tourism events also a new way to produce knowledge in the field of tourism history; using the microanalysis, the researcher can reach the substantiality of travel experiences and could capture its diversity and its countless temporalities. This article thinks over on some evaluation papers made by students of the 3<sup>rd</sup> Year of Tourism at PUC-SP for the subject “History: Travels and Travelers”, offered in the first semester of 2003. Such words attempted to analyze the tourist experiences during the second half of the 20<sup>th</sup> century in two different travels.

**KEY WORDS:** Travel. History of tourism. Microanalysis. Micro-history.

Na disciplina “História: Viagens e Viajantes”, ministrada aos alunos do 3<sup>o</sup> ano do curso de Bacharelado em Turismo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), a avaliação propunha como trabalho final a análise das experiências de um turista da segunda metade do século XX em duas viagens distintas, com distância de duas ou três décadas entre a primeira e a segunda. É sobre a proposta para esse trabalho, seu processo de elaboração e o resultado de alguns desses instrumentos de avaliação realizados pelos alunos, que pretendemos refletir neste texto. De início, vamos expor as metas do referido curso, os autores a que se recorreu, suas dificuldades e questões mais candentes. Depois, explicaremos a que se destinava o trabalho final e sobre quais bases teóricas e metodológicas erigiu-se sua proposta, atentando principalmente para as questões de escala que o trabalho envolvia; isto é, para o fato de que os alunos examinariam apenas o relato de um turista no estudo das viagens da segunda metade do século XX.

## Bibliografia, temas e dificuldades no ensino da história das viagens

As leituras do curso incluíam textos de época, como os relatos de Goethe sobre a Itália (1999) e dos viajantes que estiveram no Brasil nas primeiras décadas do Oitocentos, como John Mawe, Saint-Hilaire e Maria Graham. Trabalhamos sobremaneira com textos de historiadores que tratavam diretamente de práticas de viagem — como é o caso do texto de Laura de Mello e Souza (1997) acerca dos paulistas que viviam em viagem, nos primeiros séculos da colonização — e com textos de outros historiadores ou cientistas sociais que, ao documentar as mudanças sociais e culturais transcorridas numa época, permitiam a compreensão das transformações que haviam se operado no modo de viajar — como foi a leitura de *O homem e o mundo natural*, de Keith Thomas, em que vimos a mudança na valoração e na relação com a natureza por que passaram os europeus do período moderno.<sup>3</sup>

O extenso período compreendido pelo curso tornava-o muito trabalhoso e requeria que todos dominassem as informações mínimas para transitar entre épocas e regiões tão distantes. O curso pretendia ampliar o repertório dos estudantes acerca das diferenças existentes no viajar ao longo do tempo. Gostaríamos que se firmasse uma compreensão mais “histórica” da viagem, no sentido de entendê-la como uma prática que variou no tempo e nas sociedades em que existiu; não foi sempre uma busca do paraíso na terra nem o lugar do prazer, tampouco a contrapartida para o tempo gasto no trabalho (URRY, 1990).

No entanto, os que militam no ensino de turismo conhecem a abrangência conceitual de nosso campo de trabalho e, para auxílio de cada docente, sempre há as outras áreas de estudo a que o aluno se dedica. No nosso caso, tratava-se de recuperar com os estudantes o que aprenderam nas matérias relativas a patrimônio, lazer na sociedade contemporânea e até mesmo nas que trataram de meio ambiente. Era imperativo trazer à tona o instrumental apreendido pela sociologia e pela antropologia, sobretudo.

<sup>3</sup> Aqui poderíamos citar ainda muitos autores, como Alain Corbin, Raymond Williams, John Urry, Sérgio Buarque de Hollanda, Valéria Salgueiro, entre outros.

Ao longo dos séculos que percorria, o curso movimentou-se em torno de três eixos: como as pessoas viajaram, como foram recebidas nos diferentes momentos históricos e, ainda, de que maneira o passado foi incorporado como atrativo turístico. O primeiro e o terceiro eixos — quem e como foram os viajantes/turistas e o que interessou visitar como vestígio do passado — são passíveis de se inferir a partir de relatos de viagem ou mesmo da produção sociológica que vemos crescer nos Estados Unidos e na Europa desde as últimas décadas do século XX (COHEN, 1985; CRICK, 1989; APOSTOLOPOULOS, 1996).

No entanto, é muito mais penoso o estudo do segundo eixo apontado, o entendimento de como se organizou a atividade turística profissional no decorrer dos últimos três séculos. Poucos são os textos cujo tema é a história do turismo propriamente dito, da forma como se prepararam as localidades turísticas, como se constituíram os serviços de alimentação e de hospitalidade em geral, como se organizaram os roteiros e guias a serem seguidos pelos viajantes. Carecemos muito desses estudos no Brasil, e, no exterior, ainda são razoavelmente raros (FEIFER, [s/d].; COHEN, 1985).

No início do século XXI, no momento em que proliferam os indivíduos que, por meio do turismo, buscam aumentar seu capital cultural,<sup>4</sup> era imprescindível construir uma crítica ao uso abusado do passado como entretenimento. Isto é, era preciso censurar as “curiosidades” sobre as sociedades do passado, que são apresentadas ao turista como informações relevantes e que, ao contrário, mostram mais dos preconceitos contemporâneos que carregamos do que da gente de outros tempos e lugares.

O uso displicente do passado como atrativo turístico gera distorção ainda maior. Na ânsia de proporcionar ao turista um mergulho no passado, os produtos turísticos têm apresentado situações em que o passado é supostamente trazido ao presente, e a este se reduz; ou seja, o presente e o passado são colocados em situação de coincidência, em que a alteridade já não existe, e as diferenças, quando emergem, são exibidas como esquisitices de pessoas que, no passado, ainda não tinham alcançado o nosso patamar de evolução (LOWENTHAL, 1985).

O escopo do curso requeria o manejo de muitos conceitos de grande complexidade. As dificuldades apresentavam-se em todo canto. Lidamos permanentemente

<sup>4</sup> O que Ian Munt (1994) chamou de “egoturistas”.

com sociedades que eram estratificadas de muitas maneiras, cada uma a seu modo; assim, por exemplo, ser o burguês britânico *grand tourist* do século XVIII não era o mesmo que ser o mercador navegador do século XVI.

Outro problema conceitual é a noção de cultura como ambiência naturalizada que muitos trazem consigo; muitos vêem a cultura como um universo determinante, constituído de um repertório de idéias e costumes do qual os indivíduos não podem escapar. Em outros casos, a cultura é vista como determinada pela estrutura econômica e política, num materialismo tosco e pouco inteligente.

História das Viagens é, sempre, um curso de história da cultura, em que trabalhamos com as práticas de viagem (como se transportava o viajante, quem viajava, onde se hospedava, o cotidiano da viagem) e com as representações aí envolvidas (o que o destino escolhido representava na mentalidade dos que viajavam; o que representava, no lugar de origem, ser aquele que viajava; a viagem como objeto da literatura e do cinema etc.). Conceber a viagem como prática cultural nos mais variados tempos e espaços requeria entendê-la como fenômeno permanentemente relacional; ou seja, como uma atividade em que o turista recebe e incorpora informações culturais, mas não é um receptáculo inerte. O homem que viaja está sempre reconstruindo os conteúdos culturais com os quais entra em contato. Os antropólogos têm insistido na imprevisibilidade de tais encontros culturais; sabemos que, mesmo nas viagens de um passado mais remoto, anterior à modernidade, não se tratava necessariamente da destruição da cultura “menos desenvolvida” por uma “mais avançada” (MUNT, 1994).<sup>5</sup>

Malcolm Crick alertou para as vantagens e os riscos da magnitude do turismo como objeto de estudo das ciências sociais. No texto “Representations of international tourism in the social sciences”, o autor afirmou que é muito difícil separar o turista do cidadão, bem como recortar o objeto turismo, que ultrapassa o turista. Por outro lado, a abrangência desse objeto permite ao cientista social atingir, por ele, outros aspectos da sociedade estudada (CRICK, 1989).

<sup>5</sup> Além do mais, os historiadores têm documentado a intensa circularidade cultural entre os distintos grupos de uma mesma sociedade — entre ricos e pobres, entre letrados e analfabetos, entre eclesiásticos e hereges. Sobre o tema, ver R. Chartier (1988).

Com isso, já estamos diante do ponto central da reflexão que aqui se apresenta: a problemática de escala na investigação social. O pesquisador acredita que chega a conhecer a sociedade estudando uma de suas atividades, que, pelas relações mantidas com os outros setores sociais, possibilita uma visão mais panorâmica e que abarca outros elementos do quadro social.

No curso ministrado em 2003, foi possível ir um pouco mais longe. Ao estudar as viagens e os viajantes por cinco séculos, e ao concebê-las como práticas que se realizavam em sociedades em transformação no tempo, pudemos compreender a viagem não apenas com o olhar de quem a via em relação reflexa com os demais setores sociais, tampouco como decorrência dos demais setores sociais. Pudemos perceber a viagem como fenômeno social que também provocava mudanças na sociedade. O valor do objeto pequeno não estava simplesmente naquilo que ele podia revelar, como lugar final, em doses menores, do grande conjunto social em que se incluía. Ele próprio, na sua modesta dimensão, era fator de alteração da sociedade.

Para exemplo do estudo da viagem como prática cultural em movimento no tempo e que provoca transformações na sociedade em que se realiza, podemos apresentar o *grand tour* que, em grande parte, foi responsável por uma nova sensibilidade européia no tocante à paisagem e à natureza; no século XVIII. A viagem dos homens ricos pelos Alpes, em direção aos vestígios da Antiguidade que consideravam interessantes, e os conseqüentes relatos e pinturas que produziram, deu origem, na Europa, a uma estética do sublime que passou a privilegiar o grandioso, o infinito, o silencioso e formatou a paisagem em que a natureza é mostrada como indomável (SALGUEIRO, 2002).

Da mesma maneira, como mostrou Guillermo Giucci, ter vindo à América no início do período moderno fez com que os europeus, em um primeiro momento, elevassem ao mais alto grau o caráter maravilhoso e fantástico de sua mentalidade. Um pouco mais tarde, no último terço do século XVI, quando já tinham um conhecimento mais amplo da América, assentado na experiência e não nos relatos sobre o paraíso terrestre ou nos relatos de quem já viajara para outras regiões do mundo, então o continente americano lhes proporcionou um desencantamento e contribuiu para a transformação vagarosa do conhecimento em resultado do que se adquiria pela visão e pela experiência, e não mais pelo “ouvir falar” (GIUCCI, 1992).

## Reflexões sobre o trabalho final da disciplina “História: Viagens e Viajantes”

Na proposta de trabalho final apresentada pela disciplina *História: Viagens e Viajantes*, ao sugerir a análise de duas viagens realizadas pelo mesmo turista em períodos com distância de duas ou três décadas, pretendíamos que a pequenez da amostragem do objeto estudado fosse associada à abrangência e profundidade da abordagem bibliográfica, que deslinda as transformações sociais sucedidas no Ocidente na segunda metade do século XX. Entendíamos que as transformações sociais, culturais e, em especial, aquelas relativas ao turismo, que tinham ocorrido em meados do século passado na Europa e nos Estados Unidos, guardadas as grandes diferenças, podiam ser comparadas com o que se passou no Brasil a partir dos anos 1970 e do milagre econômico.<sup>6</sup>

Isso não significa dizer que o que buscávamos no particular do turista entrevistado era a reprodução, ou os efeitos, ou, ainda, os fragmentos daquilo que se passara no geral. Iniciamos a reflexão sobre uma nova maneira de produzir conhecimento científico em turismo. O que intentávamos com a feitura deste trabalho final era ampliar o espectro teórico dos estudantes, a fim de que ultrapassassem a dicotomia quantidade/qualidade e pudessem experimentar novos procedimentos de pesquisa, aperfeiçoando a concepção de ciência.

Escrever um trabalho baseado na experiência de um único turista fazia emergir a questão da escala no estudo das sociedades e dos fenômenos turísticos, e é por isso que vamos discuti-la aqui. Lembramos que essa discussão é necessária para esclarecer o que inspirou e norteou os trabalhos dos estudantes; mas recordamos também que neste texto indicam-se apenas alguns de seus pontos mais significativos, sem nenhuma pretensão de exaurir a temática da microanálise nas ciências sociais.

O uso da microanálise tem crescido junto aos historiadores. A chamada micro-história, nas últimas décadas, vicejou com a ajuda dos antropólogos, cuja contribuição iniciara com a busca de um olhar mais etnológico, despregado do que era a classe dominante, voltado para os sujeitos anônimos, distantes e desprovidos de poder. Daí

<sup>6</sup> Entre outros autores, foram apresentados como centrais E. Hobsbawm (1995), A. Prost (1992), R. Hewison (1987) e J. Urry (1990).

veio também uma idéia de cultura que engloba o nível simbólico e o concreto, as práticas e as representações, como indicamos acima, ao expor o conteúdo da disciplina em questão (GEERTZ, 1989).

Durante algum tempo, muitos entenderam que fazer microanálise consistia em reunir fatos mais diminutos e quase imperceptíveis para chegar às conclusões mais amplas. Tratava-se de construir uma “descrição densa”, conforme a expressão de C. Geertz.

Há um grupo de historiadores italianos, entretanto, que diverge dessa visão de microanálise e que aponta os limites da antropologia interpretativa.<sup>7</sup> Entre eles, citemos Giovanni Levi (1992 e 2000) e Edoardo Grendi (1998). Podemos eleger entre os inúmeros elementos de sua reflexão acerca da micro-história aqueles que julgamos mais importantes e conformes ao estudo que fora solicitado aos alunos de Turismo.

Em primeiro lugar, afirmam os italianos que a realidade social não apresenta a escala em que deve trabalhar o pesquisador; a escala é escolha do cientista social para observar de acordo com seus propósitos.

Como já dissemos, asseveram os autores da micro-história que esta não consiste no uso de objetos reduzidos para exemplificar realidades sociais mais gerais. Com efeito, para essa historiografia italiana, a oposição particular/geral é inadequada. O particular e o geral não existem na realidade; na concretude da realidade social, tudo é geral e complexo, nada é simples e particular. É o sujeito do conhecimento, o pesquisador, que recorta a realidade e a torna simples para poder investigá-la; qualquer parte da realidade tomada pelo cientista social é, na sua origem, complexa e portadora de infinitas relações com a totalidade social, que será sempre inapreensível para os que a estudam.<sup>8</sup>

Para os pensadores italianos, é vã a tentativa de estudar a vida de uma pessoa, por exemplo, para se chegar ao “espírito de uma época”. Segundo G. Levi, para a micro-história, os homens estão na sociedade em permanente conflito, atuando nas limitações dos sistemas normativos; inseridos nos sistemas, os homens têm liberdade relativa:

<sup>7</sup> Aqui não explicitamos os pontos de divergência entre a antropologia interpretativa e a micro-história italiana, tampouco os argumentos que os partidários da última apresentam contra a primeira.

<sup>8</sup> Sobre a inadequação de classificar um dado como simples ou complexo, particular ou geral, parcial ou total, ver a terceira resposta que Adam Schaff dá à pergunta “o que é fato histórico”, em “Os fatos históricos e a sua seleção”. (SCHAFF, 1986, p. 203-238).



(...) toda ação social é vista como o resultado de uma constante negociação, manipulação, escolhas e decisões do indivíduo, diante de uma realidade normativa que, embora difusa, não obstante oferece muitas possibilidades de interpretações e liberdades pessoais. (...) (LEVI, 1992, p. 135-136).

O que interessa para o pesquisador é definir as margens de liberdade do indivíduo, que são garantidas pelas brechas. O que pretende o cientista social é documentar a falha do sistema, onde ele não realiza sua opressão. É por isso, então, que se diminui a escala de observação da realidade social; porque o malogro do sistema pode ser flagrado na concretude da experiência individual do sujeito que resiste.

O bom estudioso é capaz de mostrar as discrepâncias entre o que prescreviam as normas e os comportamentos múltiplos e inventivos dos indivíduos pertencentes aos diversos grupos sociais. O investigador social está continuamente preocupado com o particular e o geral, mas não busca as coincidências entre eles, jamais quer encontrar o típico — que homogeneiza os variados sujeitos sociais — e rejeita os estereótipos construídos a partir da visão de mundo dominante.

Nos depoimentos colhidos pelos alunos, cada turista se apresenta como sujeito na realização de sua viagem, mais ou menos autônomo diante dos serviços turísticos que lhe apresentavam. Na narrativa de cada viajante estão presentes os distintos elementos de sua cultura de origem e da sociedade que visita. Mais do que isso, a fala do turista explicita as mudanças por que passou ao longo do tempo, em nível pessoal e afetivo, as transformações que o país atravessou nesse período e, com nitidez, expõe as mudanças que se deram no mercado turístico. Tudo aparece de maneira muito concreta, facilmente apreensível para quem ouve ou lê tais relatos.

Há décadas os estudiosos de turismo têm notado a intangibilidade do produto turístico. Se pensado como protótipo a ser apresentado ao futuro passageiro, o produto turístico torna-se inapreensível e imprevisível. Captado na esfera da experiência humana, o produto turístico já não é intangível e pode ser exposto em cada minudência por aquele que realizou a viagem. A explicitação do perfil do indivíduo que viajou — profissão, idade, consumo cultural etc. — possibilita ao pesquisador de turismo matizar as opiniões referentes a esse ou aquele serviço ou produto turístico.

Haveria muito mais a tratar sobre a microanálise na pesquisa de turismo. Seria possível aprofundar e sofisticar as questões apresentadas, mas essa não é a finalidade deste texto. Aqui, tentamos apenas alcançar os contornos e os traços mais gerais da proposta teórico-metodológica do trabalho final realizado pelos estudantes em 2003.

Com efeito, grande parte do sucesso desse trabalho dependia da empatia estabelecida entre o depoente e o entrevistado no momento em que os relatos ocorriam e, depois, dependia da capacidade do estudante em redigir o conteúdo coletado de maneira que fosse fiel ao narrador e ficasse agradável ao leitor.

Para essas tarefas, os estudantes mereciam conhecer os autores que tratam do funcionamento da memória nos indivíduos, do modo como o passado se deixa captar por quem lembra no presente; mais ainda, poderiam ter passado pelas discussões relativas à história oral (Meihsy, 2002). Entretanto, premidos pelo tempo, tivemos de nos satisfazer com poucas e ralas instruções que a professora pôde trazer aos alunos nas aulas: dar ao indivíduo-depoente pequenas pistas para que, nos dias que antecedem a entrevista, ele possa lidar na memória com os elementos de que tratará seu depoimento; paciência com o tempo necessário ao depoente para recuperar os fragmentos do passado; atenção aos instantes em que o entrevistado se envolve com sua memória, demonstrando reviver, no presente, os sentimentos por que foi tomado no passado; elementos pequenos podem ter mais relevância do que aqueles que, à primeira vista, parecem ser mais definidores e esclarecedores de uma situação; como o perfil do cidadão/turista é necessário ao trabalho em questão, pode-se partir da história de vida do entrevistado desde o seu nascimento até o presente, passando mais lentamente pelo tempo em que se fizeram as viagens que são objeto precípua da investigação.

Rapidamente os alunos perceberam, por exemplo, que o depoente se apresentava e procurava se caracterizar para o pesquisador por meio de situações por que passara ao longo da vida e que lhe pareciam significativas, porque abrigavam um feixe de relações — familiares, sociais, afetivas, estéticas etc. — que as tornavam situações-síntese que por si explicavam sua “atitude turística”. Uma senhora entrevistada apresentou-se, no passado, no tempo da primeira viagem relatada, como uma universitária militante; houve ainda um senhor que, para fazer compreensível a escolha dos seus destinos, contou das histórias que ouvia da avó, na infância, acerca de como se vivia na Itália.

Ao longo dos meses de preparação do trabalho, os estudantes tiveram pequenos encontros de orientação com a professora. Nessas ocasiões, foi possível corrigir rumos de leitura e sugerir o exame desse ou daquele aspecto que emergira nas entrevistas. O conteúdo próprio ao turismo ficava por conta dos alunos; cabia-lhes conhecer a bibliografia adequada, detectar e avaliar os serviços turísticos incluídos nas narrativas de viagem que ouviam.

A dicotomia viajante/turista está fortemente presente no pensamento dos alunos de Turismo. Ouvindo os depoimentos, todos queriam descobrir em que medida seu entrevistado fora engolido pelas artimanhas do turismo de massa. Nos textos dos trabalhos, os estudantes sempre realçaram para o leitor os comportamentos mais livres de quem viajava e, de outro lado, marcaram em grossas tintas os momentos em que a formação dos produtos turísticos ia de encontro ao desejo daquele que estava em viagem.

Em algumas passagens, sentimos que faltou interpretação por parte dos alunos; noutras, pelo contrário, forjaram uma aproximação da realidade narrada pelo entrevistado com o que a bibliografia apontava, como fez a aluna Paula Vianna ao aproximar a experiência da turista Maria Regina nos museus da Europa na década de 1960 com o que Margarita Barretto vira nos anos 1970 sobre as novas relações que se estabeleciam entre os museus e o público. Talvez a aproximação não seja infundada, mas requeria mais linhas para ser construída com propriedade diante do leitor.

Se houve pouco fôlego para interpretar, contudo, houve grande cuidado no perscrutar a realidade que se desvelava nas narrações dos depoentes, na coleta dos dados ínfimos, mas significativos. A aluna Fabiana Valdisserra, por exemplo, soube captar a existência de um baixíssimo padrão de consumo na informação de que os turistas na década de 1950, no Brasil, não carregavam objetos de higiene pessoal consigo, pois sequer usavam xampu para lavagem dos cabelos.

Embora os estudantes tenham mantido o olhar mais voltado para as coincidências entre a experiência particular de cada viajante e o contexto social e histórico no qual esta se inseria — como a força e a vitalidade da natureza no olhar do turista do final do século XX —, podemos ver, no entanto, que as experiências de viagem aqui relatadas ultrapassaram o que continha a bibliografia acerca da segunda metade do século abordado. Muitos dos acontecimentos vividos por esses turistas brasileiros não

podem ser vislumbrados a partir da leitura dos historiadores que trataram da cultura nesse período nos países desenvolvidos. Isso se deve não apenas à nossa lentidão no processo de desenvolvimento da economia de mercado, como apontaram os estudantes em algumas passagens, mas simplesmente à especificidade da experiência pessoal que o depoente lhes apresentou.

Estou certa de que os alunos descobriram quão fértil pode ser um campo de investigação restrito e quanta informação pode ser retirada de um objeto de pequena escala, mas jamais saberemos em que medida cada estudante pôde alcançar todo o elenco de nossos objetivos, todas as filigranas do que significa produzir conhecimento a partir de uma escala reduzida. Os trabalhos que produziram, entretanto, deixaram-nos esperançosos.

## Referências

- APOSTOLOPOULOS, Yiorgos; LEIVADI, Stella; YIANNAKIS, Andrew. *The sociology of tourism: theoretical and empirical investigations*. London: Routledge, 1996.
- BARRETTO, Margarita. *Turismo e legado cultural*. Campinas: Papirus, 2000.
- BRUHNS, Heloísa Turini. Turismo e lazer: Viajando com Personagens. In: BRUHNS, H. T.; SERRANO, C. S.; LUCHIARI, M. T. D. P. (Org.) *Olhares contemporâneos sobre o turismo*. Campinas: Papirus, 2001.
- CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1998.
- COHEN, E. The tourist guide: The origins, structures and dynamics of a role. *Annals of Tourism Research*, 1985. n. 12, p. 5-29.
- CRICK, M. *Annual Reviews in Anthropology*, 1989, n. 18, p. 307-344.
- FEIFER, M. *Going places*. London: Macmillan, [s/d].
- GEERTZ, C. *Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GIUCCI, G. *Viajantes do maravilhoso: o novo mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- GOETHE, J.W. *Viagem à Itália (1786-1788)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GRENDI, E. Repensar a micro-história? In: REVEL, Jacques. *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 251-262.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 2003.

HEWISON, R. *The heritage industry*. London: Methuen, 1987.

HOBSBAWM, E. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Capítulos 9, 10 e 11.

KRIPPENDORF, J. *Sociologia do turismo*. São Paulo: Aleph, 2000. Capítulos 1 e 2.

LEVI, G. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história*. São Paulo: Unesp, 1992. p. 133-161.

\_\_\_\_\_. *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LOWENTHAL, D. *The past is a foreign country*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

MEIHY, J. C. Sebe Bom. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 2002.

MOTA, C. G. (Org.). *Viagem incompleta: a experiência brasileira*. São Paulo: Senac, 2000.

MUNT, I. The other postmodern tourism: culture, travel and the new middle classes. *Theory, Culture & Society*. London, 1994. v. 11, p. 101-123.

PROST, A. Fronteiras e espaços do privado In: *História da vida privada: da primeira guerra a nossos dias*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. v. 5. p. 13-19 e p. 60-113.

REJOWSKI, Mirian. *Turismo no percurso do tempo*. São Paulo: Aleph, 2002.

REVEL, J. A história ao rés-do-chão. In: LEVI, G. *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 7-37.

SALGUEIRO, V. Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, 2002. v. 22, n. 44, p. 289-310.

SCHAFF, A. *Os fatos históricos e a sua seleção: história e verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 1986. p. 203-238.

SOUZA, L. de Mello e. Formas provisórias de existência: a vida cotidiana nos caminhos, nas fronteiras e nas fortificações. In: *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. v. 1, p. 41-82.

THOMAS, K. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

TOTA, A.P. *Imperialismo Sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

TRIGO, L. G. Godoi. *A sociedade pós-industrial e o profissional em Turismo*. Campinas: Papirus, 1998.

TRIGO, L. G. G.; NETTO, A. P. *Reflexões sobre um novo turismo: política, ciência e sociedade*. São Paulo: Aleph, 2003.

URRY, J. *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Studio Nobel, 1990.

Artigo recebido em 21 de janeiro de 2008  
Aprovado para publicação em 23 de março de 2008